

---

# E

---

## DITORIAL

Constituído a partir de textos que enfocam temas bastante diversificados, este número de *Religião & Sociedade* apresenta em seu conjunto uma espécie de quadro de possibilidades de abordagem do tema, o que reitera a vocação da revista. Do começo ao final, incluindo as resenhas, o conjunto de textos faz suceder os vários interesses em que se envolvem pesquisadores radicados em distintos lugares institucionais, de diversas correntes teóricas e variada formação disciplinar: a transnacionalização do religioso, a produção e o combate à violência, as disputas envolvendo símbolos em instituições e espaços públicos, as políticas e práticas corporais. Em suma, a cada vez e sempre, trata-se da relação entre religião e sociedade num sentido amplo, viabilizando, simultaneamente, explorar e apresentar as múltiplas possibilidades de seus desdobramentos e interfaces, e problematizar os próprios termos pelos quais essa relação se enuncia.

O artigo de Cristina Rocha e Manuel Vasquez nos apresenta uma discussão acerca da disseminação de religiões a partir do Brasil. Baseando-se em análises sobre imigrantes, missionários, turistas religiosos e mídia, os autores acompanham uma série de movimentos que conferem ao Brasil um novo lugar no panorama religioso mundial, o de um polo irradiador do sagrado. Em muitos casos, esse lugar e essas formas de presença só são perceptíveis com o uso de instrumentos apurados de observação, o que não deixa de ser um convite para os pesquisadores desdobrarem essa proposta analítica e exercitarem sua criatividade metodológica, a fim de acompanhar os fluxos religiosos que emanam do país em direção a outros lugares do mundo.

Os artigos de Ana Paula Galdeano e de Christina Vital da Cunha trabalham em distintos contextos (São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente) e dimensões a presença da religião em periferias e favelas urbanas. Essa presença adquire, em ambos os casos, papel constitutivo, uma vez que referências religiosas compõem a paisagem dos lugares e, ademais, agentes religiosos podem se articular seja com ações associadas ao “mundo do crime”, seja com políticas e autoridades estatais. O artigo de Galdeano

pretende discutir a relação entre o ativismo evangélico na área da “violência” e seu papel no gerenciamento de tensões e conflitos, através do acompanhamento da trajetória político-religiosa de um fiel da IURD, e da etnografia de um culto da mesma igreja, onde o acionamento ritual da noção de “guerra justa” produz um imbricamento entre a “guerra de combate ao crime” e a “guerra entre Deus e o Diabo”.

Já o artigo de Vital trata dos usos e formas de manipulação de símbolos religiosos por traficantes de drogas e polícias na favela de Acari, trazendo para discussão o rendimento metodológico e heurístico de estabelecer conexões entre transformações simbólicas e transformações sociais. Para tanto, toma como corpus o material fotográfico acumulado em anos de pesquisa, e mostra as mudanças na paisagem associadas à expansão evangélica, quando trechos da Bíblia, ou pinturas da própria Bíblia, passaram a figurar em muros e paredes, em detrimento de símbolos referidos ao sincretismo afro-católico, que anteriormente os povoavam.

O tema das imagens volta a aparecer no artigo de César Ranquetat, que trata dos crucifixos que podemos encontrar nas salas plenárias de muitos parlamentos no Brasil, os quais utiliza para problematizar as nuances da laicidade à brasileira. Ranquetat realiza um trabalho valioso, a partir de fontes documentais, ao localizar ocasiões, nos anos 1940 a 1960, em que ocorreram demandas pela colocação de crucifixos por parte de deputados e vereadores. E estabelece uma relação dos argumentos acionados por esses personagens com seus contextos, a partir do diálogo que estabelece com cientistas sociais, historiadores e constitucionalistas.

Ao tratar do papel da Igreja Católica nos debates sobre a “morte digna” na Argentina, o artigo de Juan Pedro Alonso aponta para outra interface entre o religioso e o secular. Na defesa pelo direito de “bem morrer” e de atribuir o limite do sofrimento tolerável à própria vida, os cidadãos têm que se confrontar tanto com a Ciência, na figura dos médicos e das tecnologias de manutenção da vida, mas também com a Religião. Quais são os argumentos e estratégias utilizadas pelos atores católicos nesse embate, como eles influenciam a conformação de agendas de discussão e o conteúdo da legislação, são os temas explorados neste trabalho.

O artigo de Amurabi Oliveira enfoca um dos grupos religiosos mais inventivos de que se tem conhecimento no Brasil – o Vale do Amanhecer. A partir de pesquisa realizada em núcleos do Nordeste – e não na sede principal, localizada nos arredores da capital federal –, o texto se concentra nas atividades de mediunidade de um dos múltiplos personagens que povoam os cultos dessa vertente religiosa.

Por fim, o número se encerra com o artigo “Santidade e sinceridade na formação da pessoa cristã”, de Clara Mafra, lançado originalmente na revista *Ethnos*, em 2011. Sua publicação em língua portuguesa se dá no sentido de homenagear postumamente nossa colega de editoria, de uma forma que certamente ela reconheceria como significativa, isto é, trazendo para o público brasileiro um texto de sua maturidade intelectual, denso, em que ela apresenta pistas importantes para compreensão do pentecostalismo contemporâneo, notadamente em países de forte tradição católica. Esta edição é

resultado de um esforço coletivo, para o qual contribuíram Joel Robbins, supervisor de Clara entre 2009 e 2010, durante uma estadia na Universidade de San Diego, na qual ela discutiu e redigiu o artigo em questão, e atualmente professor da Universidade de Cambridge, que foi nosso mediador junto à *Ethnos*; e Cláudia Swatowski, pós-doutoranda na UERJ e ex-orientanda de Clara, que se empenhou em localizar no computador da orientadora e amiga as várias versões do texto para que nossa editoria pudesse trabalhar. A ambos, o nosso agradecimento. A Clara, nossa homenagem.

Emerson Giumbelli & Renata Menezes